

# A Morte, Justos e Ímpios

## Gênesis 2; Lucas 16



EBD – Revista Compromisso Ano CXVII N° 467  
Lição 13– Domingo 24.09.2023

Elaborado por Catarina Damasceno

Texto Áureo: Gênesis 2.16,17 - “E o Senhor Deus lhe deu esta ordem: De toda a árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás.”

### Introdução

É uma certeza a realidade da morte para justos e ímpios. Para os ímpios, a morte é a porta de separação de Deus e conseqüentemente condenação eterna. Para nós, os crentes em Cristo Jesus, a morte é a entrada da morada com Deus e a conseqüente vida eterna.

Todos os homens são marcados pela finitude, uma vez que em conseqüência do pecado, a morte se estende a todos (Rm 5.12). A Palavra de Deus assegura a continuidade da consciência e da identidade pessoais após a morte, bem como a necessidade de todos os homens aceitarem a Graça de Cristo enquanto estão neste mundo (Lc 16.19-31). Com a morte, está definido o destino eterno de cada homem (Lc 23.39-46). Aqueles que foram declarados justos pela obra de Cristo na Cruz e ressurreição (Rm 5.1,2; 6.1-11), que receberam Cristo como Salvador e Senhor, são os justos, sendo resgatados mediante a Palavra de Deus (Jo 1.12; 1Pe 1.2,3). Já os chamados ímpios, são aqueles que rejeitaram Cristo Jesus, não creram na sua obra realizada na Cruz. Os incrédulos e impenitentes entram, a partir da morte, num estado de separação definitiva de Deus (Jo 5.28,29). Sem Cristo todos os homens estão mortos espiritualmente, ainda que, fisicamente vivos.

### Desenvolvimento

No mundo mediterrâneo, durante a época em que a Bíblia foi composta, quando as pessoas não eram tão isoladas da morte como são na cultura ocidental moderna, medo e curiosidade fizeram surgir inúmeras histórias para explicar a vida e a vida após a morte. A Bíblia oferece sua própria versão sobre a vida, sendo a vida humana frágil e finita, e sobre a morte. A melhor vida é experimentada seguindo-se a Palavra de Deus (Js 1.8; 1Rs 3.14; Is 1.19,20), que às vezes é simbolizada como uma árvore. No jardim do Éden, a árvore da vida representa a fonte da vida que vem de Deus (Gn 2.9). Seu fruto não é mágico; não se requer mais uma busca por Ele; está simplesmente acessível. Em uma

passagem que lembra o jardim, Deus põe perante Israel a vida e a morte e admoesta o povo a escolher a vida (Dt 30.19; Jr 21.8). Então, a vida não é intrínseca à humanidade e não é algo adquirido; ela é recebida por meio do “comer” do fruto da árvore de Deus, da qual o primeiro homem e a primeira mulher provavelmente comeram. Os seres humanos não são naturalmente imortais; toda a vida vem de Deus.

Os relatos da criação são ambíguos em relação à morte. De um lado, a sentença de morte por causa da desobediência (Gn 2.17) sugere sua origem original. Por outro lado, a necessidade de se alimentar da árvore da vida para viver para sempre (Gn 3.22) implica mortalidade. Esta visão é aparentemente confirmada quando a sentença de morte não se cumpre de imediato, mas pela proibição do acesso à árvore da vida.

Na Bíblia, a vida e a morte são muitas vezes retratadas como extremos opostos de um continuum ou como inimigos sempre lutando um contra o outro. A vida é ameaçada no jardim quando Deus adverte Adão de que ele certamente morreria se comesse do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal (Gn 2.9,17). Quando Adão e Eva pecam ao comer do fruto da árvore proibida, são banidos da fonte da vida (Gn 3.22-24). A morte reina em Gênesis 4-11. Caim mata Abel, Lameque mata um homem. Apesar de sua longevidade, a vida de Adão e seus descendentes (exceto Enoque) termina em morte (Gn 5). A humanidade se corrompe, e todos, exceto Noé e sua família imediata, são destruídos pelo Dilúvio (Gn 6-9). A genealogia de Sem (filho de Noé), é diferente da de Adão no sentido de que antes da história de Terá, pai de Abraão (11.28,32), não se mencionava a morte de ninguém. A implicação disso é que, mesmo nessa genealogia na qual há uma promessa de vida, a morte continua tendo domínio.

### Conclusão

Em meio ao domínio da morte, estão as promessas de vida (Sl 22; Is 53.7-12). Embora os seres humanos tenham sido banidos da fonte de vida (Gn 3.24), Deus não os abandonou à morte (Sl 16.10). Em conformidade com seu amor expresso na aliança, Ele promete o dom da vida (Is 44.21). Essa vida é uma vida saudável com o povo de Deus na terra da promessa (Dt 30.1-20) e em comunhão com o Criador (Jó 42.5; Jo 17.3). Como a água dá vida ao deserto, assim também o Espírito Santo dá vida a seu povo (Is 44.3,4; Jo 7.37-39).



Até a ressurreição de Cristo, a vida após a morte era território desconhecido. Paulo declara que “nosso Salvador, Cristo Jesus {...} tornou inoperante a morte e trouxe à luz a vida e a imortalidade por meio do Evangelho” (2Tm 1.10).

Para Paulo, a ressurreição de Cristo é o fundamento da vida cristã na esperança presente do futuro, conforme ele expõe longamente em 1Coríntios 15.

De acordo com o apocalipse de Isaías, Javé “destruirá a morte para sempre”, removendo o que cobre as nações (a cortina ou véu de lamento, Is 25.7,8), e no capítulo seguinte diz que os mortos reviverão (Is 26.19).

O NT cita o engolir da morte quando fala da vitória de Cristo sobre a morte (1Co 15.54; Ap 21.4). Para o cristão, a morte não é terror, mas transição.

No Apocalipse, uma terminologia diferente é usada para o juízo final: o mar, morte e Hades “entregaram” os mortos para comparecerem perante o trono de Deus (20.12,13). Nesse caso, a morte e o mundo dos mortos não são apenas derrotados, mas forçados a entregarem todos os cativos, e finalmente são destruídos. Todos serão julgados, um por um, justos e ímpios, segundo as suas obras. E assim, o círculo se fecha.

## **Bibliografia**

Bíblia Sagrada, Sociedade Bíblica do Brasil, 2ª ed., 2011.

Revista Compromisso, Doutrinas Bíblicas, Ano CXVII, nº 467.

Novo Dicionário de Teologia Bíblica, Ed. Vida, 2000, 2003.